

A Intertextualidade entre o “Poema da dúvida”, de Cecília Meireles, e a Bíblia

Maria das Graças Sá Roriz Fonteles

Resumo:

O objetivo do presente estudo é a análise do diálogo entre o “Poema da dúvida”, da poeta brasileira Cecília Meireles, com o texto bíblico. Mediante a análise intertextual, procurar-se-á o entendimento das diferentes leituras das Escrituras Sagradas expressas pelo eu-lírico. Com vistas a detectar de que modo a intertextualidade do citado poema e das Sagradas Escrituras se processa, estudar-se-ão os mecanismos utilizados pela escritora para obtenção da intertextualidade: citação, alusão, paráfrase e paródia.

Abstract

The objective of the present study is to analyze intertextuality between the “Poem of doubt” of the Brazilian poet Cecilia Meireles with the biblical text. Throughout the intertextual analyses, it is sought to search for an understanding of different readings of Sacred Scriptures expressed by the poet (lyric subject). With the purpose of detecting what is the way that intertextuality of the aforementioned poem is processed, it will be studied the mechanisms used by the writer to obtain intertextuality: citation, allusion, paraphrase and parody.

Palavras-chave:

Introdução

A proposta deste trabalho é analisar a intertextualidade em “Poema da dúvida”, de Cecília Meireles, inserido no seu livro *Poema dos Poemas*, com as Escrituras Sagradas.

Observa-se a intertextualidade dos versos aqui estudados, preferencialmente com o *Livro dos Salmos*. Os salmos são poemas escritos para serem cantados e como escreve Santo Atanásio no Século IV (NABETO, 1999), “o risco característico do livro dos Salmos, como já dissemos é o canto, e por ele modula melodiosamente o que em outros livros se narra com detalhe. Porém, algumas vezes até legisla”. Mas a peculiaridade do livro dos Salmos é que ele “contém exatamente descritos e representados todos os movimentos da alma, suas trocas e mudanças, de modo que uma pessoa sem experiência, ao estudá-los e ponderando-os, pode ir-se modelando à sua imagem”. Neles se encontram narrações históricas, admoestações morais, profecias, súplicas e confissão. A poeta em sua lírica emprega ricamente a súplica, a confissão e o louvor semelhantemente ao salmista Davi, no salmo 138, no qual se observa tanto súplica como ação de graças.

O estudo dos salmos conduz o leitor a fazer uma reflexão sobre a situação vivenciada. A louvação realizada pelos salmistas ensina como se achegar a Deus para que a oração seja ouvida, induz ao leitor mudanças e lhe direciona a pautar um novo caminho. O salmista decanta sem constrangimento, o que o perturba, com humildade como suporta as tribulações que o afligem. As tribulações nada mais são que provações, às quais ele é submetido em seu cotidiano. Segundo Santo Atanásio (NABETO, 1999), as palavras dos salmos para quem as canta são “como um espelho no qual se refletem as emoções da sua alma para que assim, sob seu efeito, possa recitá-las”.

Intertextualidade entre o “Poema da dúvida” e a Bíblia

O título é prenhe de dualidade, pode ser enganador, o poema é que vai projetar sobre o título o seu significado.

A poeta se encontra num dilema. A dúvida é o estado de incerteza, desconfiança, hesitação. Há uma atmosfera de suspeita em seus próprios sentimentos, escrúpulos no versar. O eu-

lírico passeia entre confirmar ou negar um fato ou realidade. Hesita entre opiniões ou possibilidades diversas. Poderia ainda a dúvida no poema ser um recurso retórico com o propósito de fortalecer seu ponto de vista, sua crença, sua fé. No centro da dúvida, o poema é construído por meio de silogismo, parte de premissas contraditórias, mas que paradoxalmente fundamentam sua espera pelo Eleito.

Na celebração da dúvida o eu-lírico, esmagado pelas emoções, se revela e permite ao leitor provar do seu mosto, o sumo verbal. Esboroa-se a poeta ao mesmo tempo em que se reconstrói à proporção que a palavra emerge.

O início do “Poema da dúvida”, com a afirmativa “Nesta sombra em que vivo”, contrapõe-se ao título da dúvida. É o momento de dúvida configurado pela certeza de um presente verbal.

Nos seus versos, a visão do eu-lírico se delineia nas sombras, lugar onde a luz é tênue. Há por outro lado, a parceria da sombra com o próprio eu-lírico. Há comunhão na sombra dos sentimentos tristes com a visão turva pela escassez de luz. Ela é inseparável, é a sua companheira, mas também o local onde o eu-lírico se abriga à espera do Eleito.

“Nesta sombra em que vivo,
Sonho que me aparecerás,
Numa hora extática...
E ando a esperar-te, noite por noite...”

O eu-lírico passa a ser o porta-voz da grandiosidade de seu universo, no qual a dúvida é uma nota presente no título, muito embora ao longo do poema ele persista no desejo de vê-lo. Observa-se recorrência do sentimento da sombra no “Poema da esperança”, quando o eu-lírico se expressa: “Porque eu estou mortalmente enferma/ Da tristeza e da penumbra/ Daqui...” O eu-lírico usa de afirmação, é enfático, fala em seu próprio nome. O verbo na primeira pessoa do indicativo com o sujeito oculto indica algo real, concreto.

“E ando a esperar-te, noite por noite...” O gerúndio indica ação de continuidade. Há um tom monologal no verso, o sujeito lírico é apresentado na segunda pessoa verbal, indicando um deslocamento. Por sua vez, as reticências lidam com a incerteza, provocam suspensão no pensamento, abrem janelas para a interpretação do leitor.

O texto bíblico “Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor” apresenta um tom dialogal, com os verbos no imperativo, os complementos verbais sem ruptura. Tu em relação ao Senhor Deus. No texto bíblico o centro é o Senhor, nos poemas é o eu-lírico.

O Eleito como força sobrenatural dá sentido aos sentimentos expressos. O eu-lírico encontra-se em sentimento de desarmonia em relação ao Eleito. Assim como o salmista que derrama seu queixume perante o Senhor e exclama: “Não me ocultes o rosto no dia da minha angústia; inclina-me os ouvidos; no dia em que eu clamar, dá-te pressa em me acudir. Porque os meus dias, como fumaça, se desvanecem, e os meus ossos ardem como fornalha” (Salmo 102.2,3). Dessa forma, atrai atenção sobre si, sobre a forma de veicular esse sentimento, cria sua própria regra na construção de um ponto de encontro. Amplia o âmbito de inclusão do outro como avaliador do poema.

O parodiar as Escrituras Sagradas faz o eu-lírico mais convicto de seu estado de penúria na sombra, enquanto o eu-lírico vive na sombra o salmista Davi em sua angústia é conduzido a evocar a sombra das asas do Altíssimo como abrigo para si ao clamar: “Guarda-me como a menina dos teus olhos, esconde-me à sombra das tuas asas, dos perversos que me oprimem, inimigos que me assediam de morte” (Salmo 17. 8,9). No salmo 91 versículo 1, o salmista refere-se no descansar “O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente”. Mais adiante, no

salmo 23 versículo 4, Davi associa a sombra com a imagem de morte: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam”. A sombra cambia metaforicamente no salmo 39 versículo 6 quando Davi diz: “Com efeito, passa o homem como uma sombra; em vão se inquieta; amontoa tesouros e não sabe quem os levará”. A intertextualidade da poeta é perceptível com o salmo 102 versículo 11 e 12: “Como a sombra que declina, assim os meus dias, e eu vou me secando como a relva. Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre, e a memória do teu nome, de geração em geração”. O efeito de sentido decorrente dessa intertextualidade ressalta as semelhanças e as diferenças entre o poema e o salmo mencionado. O eu-lírico na sua torre de vigia à espera do Eleito, e o salmista pela sensação vivenciada de sequeidão, de perda de vitalidade e do reconhecimento da eternidade de Deus.

O êxtase, o momento de encantamento e enlevo no qual o eu-lírico espera que o “sol do último céu” apareça, é um sonho. A dúvida por si só aponta sub-repticiamente a finitude do homem. Os apóstolos de Jesus tiveram dúvidas. Pedro duvidou ao caminhar sobre as águas e precisou o mestre segurá-lo, de acordo com o evangelho de Mateus (14.31): “E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse; Homem de pequena fé, por que duvidaste?”. O íntimo da poeta é capaz de gerar esse sentimento, posto que, sabendo-se imperfeita, a dúvida é perfeitamente concebível nos momentos de fraqueza.

Sob a égide do lirismo os sentimentos, por mais que demonstrem a fragilidade humana, tornam-se força propulsora por meio da qual o eu-lírico se debruça e asperge odores incensados a tempo ou extemporâneo. O eu-lírico pede passagem, adorna-se de vestes festivas, porquanto a palavra passa a ser determinante deste momento onde o fraco se torna forte. O eu-lírico, como obreiro da palavra, grafa o sentimento da dúvida, lapida-o no versejar poético de sua trajetória.

A aguda evocação no “Poema da dúvida” se interpõe como motivo da presença do Eleito, parte da mesma base conceitual da necessidade vivenciada pela poeta assim como de seus valores espirituais. Adepta desse sentimento, ela se condena no viver na sombra, enquanto no campo onírico o Eleito lhe aparecerá numa hora extática. As turbulências derivadas desse processo conferem ao eu-lírico autoridade de herói e de mártir. “Numa hora extática...” Nessa hora a poeta posta-se à espera do Eleito “noite por noite”.

“Sonho que te hei de ver,
Todo vestido de oiro,
Com os cabelos carregados de estrelas
E as mãos enfeitadas de luas...”

O desejo de vê-lo glorificado, a visão apocalíptica, a figura majestática do Eleito, é o sonho do eu-lírico. A sua atitude de esperá-lo demonstra a sua fé. A descrição feita da majestade do Eleito faz intertextualidade com o que se lê em apocalipse (1.12-16).

Vestimentas de oiro, cabelos de estrelas e as mãos de luas o elevam o Eleito ao patamar celestial. O divino sempre foi relacionado diretamente ao oiro, o metal precioso e mais valorizado pelo homem.

Sonho que descerás a ver-me,
De tanto me ouvires
Cantar e louvar/
O teu nome...

O desejo é verticalizado juntamente com o sonho. A espantosa realidade da descida do Eleito é fruto da reverberação no cantar e louvar seu nome. A descida do Eleito é o contrário da escalada do eu-lírico com o qual o livro em discussão tem início.

A tenacidade do eu-lírico se revela na litania, na repetição do desejo de vê-lo revelado no sonho, na persistência em louvá-lo, e a certeza permeia o sonho na concretização do seu desejo. Ela sabe que a insistência O fará descer a vê-la.

A fidelidade do sentimento da poeta se compara à do salmista Davi (57.7), quando no salmo de louvor pela benignidade divina ele exclama: “Firme está o meu coração, ó Deus, o meu coração está firme; cantarei e entoarei louvores entre as nações”. Ela não desanima, apesar de esperá-lo “noite por noite”. Jó (42. 5) também é referência para esse momento, pois ele faz a sua confissão e também reverencia o seu Deus, após grande período de turbulência, quando ao perder os bens e filhos consegue ainda que exaurido pela dor e inquirido pelos seus amigos e sua mulher a abandonar o seu Deus, ele permanece fiel e diz: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêm”; em seguida sua sorte foi restaurada, as bênçãos do seu Deus não mais foram retidas, mas duplicadas.

Davi (22.22b) ao salmodiar o sofrimento do Messias escreve: “cantar-te-ei louvores no meio da congregação”. Prosseguindo o salmista no salmo 30 versículos 11, e 12, ele faz ações de graça por ter se livrado da morte e canta: “Converteste o meu pranto em folgedos; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria, para que o meu espírito te cante louvores e não se cale. Senhor, Deus meu, graças te darei para sempre”. Os filhos de Corá ao escreverem o salmo 47 versículo 6 insistem no louvor, ao repetir: “Salmodiai a Deus, cantai louvores; salmodiai ao nosso Rei, cantai louvores”. João (Apocalipse 19. 6) quando na ilha de Pátimos teve a visão apocalíptica assim se expressa: “Dai louvores ao nosso Deus, todos os seus servos, os que o temeis, os pequenos e os grandes”.

Nesta sombra em que vivo,
De te evocar,
É como se já tivesses vindo...
Como se houvesse visto os teus olhos,
Que devem ser a própria alma da luz...
Como se houvesse tocado o teu gesto,
Que deve ser o grande ritmo dos mundos...
Como se houvesse adorado o teu coração,
Onde morrem todos os corações que viveram/
E onde nascem todos os corações...

O verbo no condicional se faz presente aqui. O eu-lírico se fortalece em evocar o Eleito, na sombra em que vive. O cenário se estabelece sob o condicional. As imagens que se seguem servem de acalanto, enquanto a sensação reinante repassada ao leitor é de que já O viu, já O tocou. A dúvida se presentifica. Os seus olhos “devem ser a própria alma da luz”. “Alma da luz” aqui exemplificando metaforicamente a grandeza da luz que emana dos seus olhos. A alma como vida. Ao olhar os olhos do Eleito a poeta se vê isso ocorre sempre que miramos os olhos do outro; vemos a sua alma. Há uma força que emana da luz dos olhos, é a própria alma da luz.

Os salmos como expressão de louvor em forma de cânticos ao Deus Altíssimo confirma-se nos salmistas: Davi, Assaf, os filhos de Corá, Moisés, Salomão, Heman, ou mesmo Etã, o ezaíta, quando no salmo 89 versículo 1, faz a sua proclamação: “Cantarei para sempre as tuas misericórdias, ó Senhor; os meus lábios proclamarão a todas as gerações a tua fidelidade.” Cecília segue a mesma linha poética laudatória, parte do momento de êxtase, atravessa os momentos de ansiedade, alegria, esperança, dúvida, ternura, e tristeza, para finalmente aportar na fase do reconhecimento do Eleito como um ser irreal, e libera o eu-lírico: “Sofro por seres assim irreal,/ Assim tão além do que se pode pensar...”.

Valendo-se da litania, confissão e louvor, o eu-lírico desenvolve o “Poema da dúvida”, no qual é emblemática a angústia que ele decanta, diante das adversidades vivenciadas como vemos a seguir: “Sofro porque nem sei/ Quando haverá, nos meus olhos,/ Luz com que te veja/ E com que te adore”. O momento vivenciado tem como propulsor a dúvida, ante a qual o eu-lírico desnuda-se completamente e se aprofunda nas emoções que o conduzem a uma introspeção. A razão requer que a alma surja renascida dessa desarmonia interior.

Nesta sombra em que vivo,
Por que me não apareces,
Numa hora extática,
Se sabes que te ando a esperar,
Noite por noite!...

O eu-lírico reelabora continuamente seu desejo, e se apropria da distância e da perspectiva entre o sagrado e ele próprio, funciona como sistema auto-regulador sem, contudo, avaliar *a priori*, o desfecho de sua súplica, no entanto a poeta é co-partícipe desse processo, muito embora ao eu-lírico pertençam as honras. O eu-lírico, nesse estágio, é o consignador do cortejo verbal que a alma da poeta decanta. O mundo fragmentado do eu-lírico, ungido pelo Eleito, sofre purificação à qual Ele impinge a todo ser que dEle se acerca. Assim, o eu-lírico se enquadra aos seus moldes, sem se desintegrar. O profeta Isaías (6.5) ao ter a visão do Senhor assentado em seu trono, temeroso exclama: “ai de mim! Estou perdido!”; contudo, há certa estranheza na poeta que resvala de algum modo para a absurdidade em seu desejo ímpar de tocá-lo, embora sabedor de que o sonho é imanente ao eu-lírico e que transcende o desiderato do poetar.

BIBLIOGRAFIA

- [1] MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Vol.1. Nova Fronteira, 2001.
- [2] In YUNES, Eliana, Bingemer, Maria Clara L. (Orgs). *Murilo, Cecília e Drumond: 100 anos com Deus na poesia brasileira*. São Paulo: Loyola, 2004.
- [3] Adorno Theodor. “*Lírica e Sociedade*”. Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. Textos escolhidos. **OS PENSADORES**. Trad. Bras. São Paulo: Abril, 1980.
- [4] *Bíblia Sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida, segunda edição revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.
- [5] *Bíblia de Jerusalém*. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Coordenadores: Gorgulho, G.S., Storniolo, L., Anderson, A. F. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- [6] *Bíblia: tradução ecumênica*. Consultores: Cipriani, V., Grimaldi, C., Gruen, W., Frainer, C., Rehfeld, W. São Paulo: Loyola, 1994.
- [7] BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- [8] _____. (Org). *Leitura de Poesia*. São Paulo: Ática, 1996.
- [9] *Chave Bíblica*. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paul: 1983.
- [10] KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra: Armênio Amando, Editor, Sucessor. 1967.
- [11] MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- [12] _____. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1977.

- [13] _____. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- [14] NABETO, Carlos Martins. Apostolado Veritatis Splendor: *Carta a Marcelino sobre a Interpretação dos Salmos*. Disponível em <http://www.com.br/article/3677>. Desde 5/9/1999.